

Contornos de uma Filosofia da Educação Cristã

Contours of a Philosophy of Christian Education

Igor da Silva Miguel¹

¹ Licenciatura em pedagogia (FAE UEMG), mestre em letras e hebraico (FFLCH USP) e doutorando em educação (PUC MINAS). igorpensar@gmail.com

Resumo

O artigo procura introduzir e apresentar o que seriam os contornos de uma filosofia da educação cristã. Sem ignorar que uma filosofia de tal natureza deriva-se de sua matriz teológica, o artigo procura apresentar aspectos que não podem ser ignorados em sua elaboração. Em específico, revisita o conceito de cosmovisão cristã, a narrativa bíblica criação, queda e redenção, e por fim, as implicações formativas de cada uma dessas referências.

Palavras-chave

Educação cristã; pedagogia cristã; filosofia da educação cristã.

Abstract

The article aims to introduce and present what would be the contours of a philosophy of Christian education. Without ignoring that a philosophy of such nature derives from its theological matrix, the article seeks to present aspects that cannot be overlooked in its formulation. Specifically, it revisits the concept of Christian worldview, the biblical narrative of creation, fall, and redemption, and finally, the formative implications of each of these references.

Keywords

Christian education; Christian pedagogy; philosophy of Christian education.

1. INTRODUÇÃO

Uma das características mais notáveis do ser humano é sua capacidade de buscar e procurar atribuir sentido aos fenômenos e estímulos que recebe da realidade a seu redor. Valendo-se de suas funções perceptivas, cognitivas e executivas, ele procura organizar sua experiência com o mundo, comparando, relacionando, agrupando, classificando e nomeando tais fenômenos. Comparado a outras criaturas, o ser humano possui, também, uma singular capacidade de memorização e registro histórico, o que possibilita relativo poder de planejamento de suas ações futuras.

Como o ser humano é fundamentalmente um ser de sentido, ele é também um ser de relações. Sua relação com Deus, consigo mesmo, o mundo e as pessoas a seu redor dá-se basicamente a partir de um sistema de crenças e valores que dinamicamente ele desenvolve ao longo de sua vida. Todo ser humano, pelo simples fato de existir, carrega consigo algum tipo de crença sobre sua existência, o sentido da vida e prioriza tarefas que considera relevantes para esse fim. De alguma forma, pode-se afirmar, que todo ser humano tem uma *filosofia de vida*, que é uma forma de imaginar (SMITH, 2019), compreender e se relacionar com o mundo ao seu redor. Tal filosofia de vida que pode ser resultado de uma mescla de crenças filosóficas (formais ou informais) fornece critérios ou lentes de compreensão do mundo, resultando, em saberes e conhecimentos específicos. No campo da ciência, tais saberes ou conhecimentos são comumente classificados entre senso comum² e saberes sistemáticos (científicos).

O senso comum envolve um saber espontâneo, intuitivo, que tem sua legitimidade e razão de ser. Há saberes comuns como, por exemplo, a experiência tradicional da culinária regionalista, as habilidades que o homem do campo desenvolve em sua prática agrícola, e até mesmo, uma sabedoria transmitida por tradição cultural ou religiosa específicas. Em cada um dos exemplos, percebe-se saberes autênticos e não desprezíveis. Entretanto, no campo da ciência e da filosofia profissional, o que encontramos são sistemas de pensamento mais formais, sistematizados e que respeitam determinado rigor interno. Na ciência há regras para uso de certos conceitos, há uma terminologia técnica, certos consensos, e mesmo os dissensos são regulados por certa gramática e a aprovação ou desaprovação dos membros (pares) de uma dada comunidade acadêmico-científica.

No campo da educação, por sua vez, existe uma área de conhecimento formalmente organizada, que trata sistematicamente da pesquisa e elaboração de

2 O termo “senso comum” vem sendo criticado no campo das ciências, por ter assumido um tom discriminatório e por afirmar a superioridade dos saberes científicos sobre os saberes populares. Hoje, fala-se sobre “saberes” em geral, em que um não tem necessariamente nenhum privilégio sobre outro, seria apenas saberes diferentes, segundo estas novas tendências.

teorias e metodologias, com foco na formação do ser humano, nesse caso, o fenômeno do educacional. A esta ciência formal e intencional da educação dá-se o nome de *pedagogia*. Por causa de sua formalidade enquanto campo científico, a pedagogia tem igualmente a seu serviço uma filosofia, a que se dá o nome de *filosofia da educação*. Toda ciência orienta-se por concepções filosóficas que lhe fornecem as lentes para interpretar o objeto ou fenômeno a que se debruça. No caso, é a filosofia da educação que dirá o que é o ser humano, o que é educar, quem são os responsáveis pela tarefa educacional, o que é o conhecimento, as crenças fundantes, a finalidade e as razões da prática educacional.

2. DA NECESSIDADE DE UMA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Sei que há quem sinta desconforto que a pedagogia seja tratada como ciência. Há os que defendem que ela estaria mais para uma filosofia com uma metodologia, uma arte ou um campo de saber. Para o famoso sociólogo Émile Durkheim (DURKHEIM, 2021), ela estaria mais para alguma coisa entre ciência e arte. Contudo, sou dos que defendem que a pedagogia deveria ser *ciência da educação*, isto é, ela aborda de maneira intencional e sistemática uma prática histórico-cultural universal que é o processo ensino-aprendizagem. A pedagogia vale-se de saberes de múltiplas ciências para compreender e orientar práticas formativas, entretanto, isto não desabona ou descredibiliza a especificidade e a integralidade de seu campo fenomenológico. O auxílio da filosofia, psicologia, sociologia, antropologia, ciências cognitivas e neurociências, por exemplo, apenas atestam a complexidade e a abrangência da experiência educacional, objeto de estudo da pedagogia.

O educador cristão reformacional holandês, Jan Waterink (1890-1966), insistia: “*Todo pedagogo que deseja desenvolver um sistema unificado, chegará a uma pedagogia científica*” (WATERINK, 1980, p. 15). Se por ciência entende-se a compreensão sistemática e o conhecimento rigoroso de um objeto ou fenômeno, então, defendo que a pedagogia seja tratada como tal. No caso, ela seria uma ciência dedicada à compreensão do processo ensino-aprendizagem enquanto fenômeno cultural e social. Devido à complexidade do fenômeno tratado pela pedagogia, ela exige o auxílio de recursos metodológicos, filosóficos e epistemológicos de outros campos científicos. Tais campos são reconhecidos, assim, como *ciências da educação*³ na medida que fornecem conhecimentos relevantes para o objeto típico da pedagogia, isto é, sobre como as pessoas aprendem e ensinam. Portanto, para que uma pedagogia cumpra sua finalidade

³ Alguns campos de conhecimentos que se encaixam na classificação de ciências (disciplinas) da educação são: filosofia (que se excetua à classificação de ciência), psicologia, sociologia, história, antropologia, ciências cognitivas e neurociências são alguns exemplos de disciplinas que estão a serviço dos estudos pedagógicos.

científica é essencial que ela assuma claramente seus pressupostos, isto é, sua filosofia educacional.

A filosofia da educação se ocupa dos valores, crenças, experiências, narrativas e teorias que comporão uma visão de mundo que orientará a natureza, os meios e fins da atividade educacional em si. Um educador ou professor dirige sua atividade educacional a partir da filosofia educacional que adota. Este é um ponto importante, pois de fato, nenhum tipo de atividade humana, seja ela espontânea ou intencional, é desprovida de um sistema de crenças. Ao contrário, todo indivíduo opera no mundo a partir, ou mediado, por uma *cosmovisão*, termo que será explorado a seguir.

3. COSMOVISÃO, IMAGINAÇÃO E NARRATIVA

Como introduzido, a pedagogia é a ciência da educação, o campo especializado que produz e agrega saberes formais e sistematicamente organizados a respeito do processo educacional, isto é, do fazer educação. A pedagogia tem a seu serviço uma filosofia educacional que é responsável pela sistematização de um sistema de conceitos, crenças, narrativas e teorias educacionais que orientam o educador.

Basicamente, a filosofia educacional procura dar respostas às seguintes perguntas: *O que é educar? Por que se deve educar? O que se deve ensinar? Como ensinar ou como educar? A quem educar?* Perguntas assim permeiam toda filosofia educacional. As respostas elaboradas que procuram responder tais questões comporão um sistema filosófico ou uma narrativa, que se incorporada pelo educador, afetará o modo como ele lida com a tarefa pedagógica.

Uma das formas contemporâneas de nomear este sistema de crenças fundamentais do indivíduo, encontrado principalmente no campo da epistemologia⁴, é o que se chama de *cosmovisão*. A palavra *cosmovisão* foi elaborada originalmente pelo filósofo Immanuel Kant (1724-1804), que se referia a ela pela expressão *Weltanschauung*, a qual combina duas palavras alemãs: “visão” e “mundo”. O termo foi largamente usado por filósofos europeus, cujo sentido se desenvolveu a ponto de quase se tornar sinônimo de “filosofia”. Nos países de fala inglesa, a palavra foi traduzida por *worldview*, preservando relativamente o sentido alemão do termo, podendo ser traduzido para o português simplesmente como “visão de mundo” ou “perspectiva de mundo”.

⁴ A epistemologia é o campo da filosofia responsável por responder a pergunta “como conhecemos?”. Também conhecido como “teoria do conhecimento”. Toda ciência tem uma “metodologia” de conhecimento, ou seja, um modo de acessar saberes de seu próprio campo ou de seu “objeto” científico. A este “modo de conhecer” dá-se o nome de epistemologia.

Importante destacar que o termo cosmovisão sofreu um tipo de evolução⁵ assumindo um sentido amplo. Entretanto, apenas para manter o horizonte para onde esta reflexão caminha, neste texto adota-se a seguinte definição: Entende-se por cosmovisão, um conjunto de crenças, narrativas e valores pessoais ou coletivos que influenciam o modo como um indivíduo ou um grupo de pessoas vê, imagina e se relaciona com a realidade a seu redor. Por realidade entende-se o universo que abrange pessoas, objetos, cultura e a natureza.

Cada indivíduo olha para o mundo a partir de uma cosmovisão, ou seja, a partir de um sistema de crenças ou um conjunto de valores que carrega, que atribui sentido ou formas de se relacionar com os fenômenos que estão ao seu redor. Por sua vez, a cosmovisão adotada por um indivíduo torna-se aquilo que Charles Taylor denomina de *imaginário social*:

Entendo por imaginário social algo muito maior e mais profundo do que esquemas intelectuais que pessoas se entretêm quando elas pensam de modo desengajado sobre a realidade social. Ao invés disso, estou considerando aqui as diferentes maneiras que as pessoas imaginam sua existência social, como elas se conectam umas às outras, como as coisas acontecem entre elas e seus semelhantes, quais expectativas são consideradas, e as noções normativas e imagens mais profundas subjacentes a elas (...) (TAYLOR, 2004, p. 23)

A noção de imaginário social é importante pois ilustra algo mais profundo do que simplesmente categorias abstratas impostas sobre a realidade, antes, diz respeito às verdadeiras razões e crenças radicais que impulsionam uma pessoa a fazer o que ela realmente faz. O olhar de um engenheiro de minas e de um poeta sobre uma montanha são distintos porque operam por imaginários sociais igualmente distintos. O primeiro tem um olhar específico a partir de seu campo de saber e posição como profissional, o segundo, tem um olhar estético ou poético sobre o mesmo. O engenheiro de minas fará prospecções geológicas para saber o quanto de minério de ferro poderá extrair daquela montanha. Já o poeta, comporia poemas e cânticos, explorando metáforas e descrições da beleza da montanha. O engenheiro faria cálculos complexos, um poeta poderia compor uma canção do tipo: “*Elevo meus olhos para os montes, de onde me virá o socorro?*”⁶. De qualquer forma, há valores enraizados por trás de um mapa topográfico e

5 Para compreender a evolução e a construção do termo “cosmovisão” ver Souza (2006) e Goheen (2016). O termo foi criticado por Smith (2019), em geral, por se associar a uma antropologia que reduz o ser humano apenas a suas faculdades intelectuais, um tipo de intelectualismo. No entanto, há autores que procuram recuperar o conceito tratando-o em um sentido ampliado, incluindo inclusive noções como narrativa e imaginação, que falam a outras dimensões do ser humano como afeição, volição e hábitos (DULCI, 2019).

6 Sl 121:1

da caneta do poeta, que inclusive transcendem qualquer orientação técnica ou artística. Cosmovisões ou imaginários sociais diferentes resultam em relações diferentes com o mundo. O coração sempre estará cativo de algum tipo de história ou imaginário. Em última instância, teorias, abordagens técnicas, visões culturais e artísticas, e inevitavelmente, concepções pedagógicas, sempre se orientarão por alguma ou algumas cosmovisões.

Vários fatores podem ser responsáveis pela composição de uma cosmovisão. Aqueles de natureza religiosa, cultural, familiar, tradicional, científica, econômica, psicológica e da experiência, formam uma complexa rede de ideias, experiências e hábitos que cooperam para a composição de uma determinada cosmovisão, de um determinado olhar e relação com a realidade.

Importante enfatizar que o conceito de cosmovisão não pode ser reduzido a meras crenças cognitivas ou intelectuais. As escolhas humanas e as diferentes maneiras de experimentar a realidade não são determinadas meramente por um conjunto de crenças meramente intelectuais. O filósofo canadense, James K.A. Smith, apresenta uma séria crítica a esta possibilidade (SMITH, 2017, 2018, 2019). Segundo ele, seres humanos não são meras “*coisas pensantes*” como pressupõe o racionalismo cartesiano. Fundamentalmente, humanos são seres que adoram e que amam. E, de fato, “*somos o que amamos*”, no sentido em que, dependendo para onde se inclina a devoção humana, isto determinará e afetará sua existência, e conseqüentemente, hábitos, raciocínios, sentimentos e comportamentos⁷. Evidentemente, desejos, inclinações e aspirações são teologicamente discernidos, mas no final, as escolhas dependerão de certo imaginário ou narrativa que impulsionará o modo como se lida com a realidade. De acordo com Goheen (2016), por

sermos criaturas comunitárias, essas grandes narrativas são inevitavelmente compartilhadas entre nós. Cada um de nós foi criado no contexto de alguma grande narrativa que tem moldado nossa cultura, mesmo que não tenhamos consciência desse processo. (p.53)

⁷ Um ajuste importante a algumas aplicações da tese antropológica de Smith diz respeito a sua crítica a algumas abordagens de discipulado e educação cristã que ainda operam por uma lógica cognitivista, presumindo que a mera exposição doutrinária levará pessoas a um tipo de transformação moral ou virtuosa. Infelizmente, esta crítica apesar de importante, acaba desprezando a importância do ensino doutrinário ao longo da história da cristandade, desde a era apostólica. É verdade que os temas doutrinários da Igreja Antiga revestiam-se de um traje narrativo que lhes fornecia um contexto imaginativo, mas infelizmente, há um certo racionalismo que insiste em tratar temas doutrinários de forma abstrata e descontextualizada. Porém, a melhor resposta para este problema é fazer uma crítica ao *modo* como o ensino doutrinário é feito em alguns contextos, não necessariamente à prática de formação doutrinária. Ela é historicamente parte integrante da formação cristã, talvez, o que nos falte é uma pedagogia antiga, uma linguagem mais *teodramática* (VANHOOZER, 2016), que considere a complexidade do ser humano, inclusive sua visceralidade.

Então, é importante destacar, que na medida que uma proposta de pedagogia cristã se desenrola, o termo cosmovisão deve ser desenvolvido em sentido amplo, não reduzido à mera convicção intelectual. O conceito deve se aproximar da noção de que somos seres imersos em um ambiente narrativo, por se reconhecer que seres humanos precisam de “histórias” que deem sentido para viver e agir no mundo:

Precisamos de histórias assim como precisamos de alimento e de água: somos *feitos* para a narrativa, alimentados por histórias, não apenas como distração, diversão ou entretenimento, mas porque constituímos nosso mundo de modo narrativo. É graças às histórias que recebemos nosso “caráter”, e essas histórias, por sua vez, se tornam parte do nosso histórico, dos horizontes interiores com os quais constituímos nosso mundo e com ele interagimos por meio da ação. Não posso responder à indagação “O que amo?” sem (pelo menos implicitamente) responder à questão “Em que história creio?”. Contamos histórias a nós mesmos para viver. (SMITH, 2019, p. 153–54)

Antes de se abordar a particularidade da cosmovisão cristã, é importante reforçar que uma cosmovisão é sempre inevitável. Seres humanos são seres *teleológicos*⁸ (seres de sentido). Entende-se que esta inevitabilidade por propósito, e logo, de uma cosmovisão, tem raízes em um pulsão religiosa radical e que é constituinte da própria condição humana (DOOYEWEERD, 2010, p. 82). Os seres humanos são religiosos em sentido amplo. Mesmo pessoas declaradamente ateias ou agnósticas acabam operando por crenças metafísicas, não necessariamente racionais ou empíricas, sobre o sentido último da vida e um horizonte de realização humana, mesmo que utópico⁹. Não há uma cosmovisão que se diga religiosamente neutra, de sorte que, o que está em questão não é a falta de “*crenças religiosas, mas se elas creem em uma divindade errada*” (CLOUSER, 2005, p. 96).

Como já mencionado, uma filosofia da educação é sempre dependente de uma cosmovisão em particular, sendo assim, para se compreender uma determinada abordagem pedagógica é vital compreender a cosmovisão que a orienta. Tratar sobre cosmovisão cristã é de extrema importância quando se intenta definir as fronteiras filosóficas e metodológicas de uma pedagogia que se julgue *cristã*.

4. UMA COSMOVISÃO CRISTÃ

8 Teleológico no sentido grego de *télos* (propósito, alvo ou destino). Em outras palavras, um ser que precisa de um senso de propósito ou finalidade para dar continuidade e razão a sua própria existência.

9 Para uma abordagem das diferentes utopias e ideologias sociopolíticas secularizadas como carregadas de senso religioso e aspirações soteriológicas e escatológicas recomendo: *Capital Moral* (KUIPER, 2019, p. 55–75) e *Visões & Ilusões Políticas* (KOYZIS, 2014, p. 32–41).

Ficou claro que a cosmovisão – no sentido até aqui desenvolvido – tem considerável influência sobre o olhar e a relação do ser humano com o mundo. Obviamente, não há apenas uma cosmovisão, há várias cosmovisões, e por isso, formas diferentes de ver, imaginar, narrar e se relacionar com a realidade.

Antes de partir para a especificidade da cosmovisão cristã é importante afirmar, sem reservas, que quando o cristianismo deixa clara sua cosmovisão, ele está se posicionando baseado em seu direito de expor sua compreensão da realidade. O cristianismo deve fazê-lo baseado no princípio da plausibilidade.

Por plausibilidade entende-se a razoabilidade de uma compreensão da realidade pautada em seus valores e crenças. Não existem cosmovisões neutras, a concepção de neutralidade ideológica ou filosófica tem recebido importantes críticas (CLOUSER, 2005). O cristianismo não está interessado em esconder sua posição diante da cultura, ciência, política, sociedade e educação. Ao contrário, pauta-se no direito plural de se posicionar e expor sua concepção de realidade. Como diria o grande pensador cristão e estadista holandês Abraham Kuyper:

O modernismo agora enfrenta o cristianismo; e contra este perigo mortal, vocês, cristãos, não podem defender com sucesso seu santuário, exceto se colocando, em oposição a este sistema, uma bio-cosmovisão própria de vocês, fundada tão firmemente sobre a base de seu próprio princípio, elaborado com a mesma clareza e brilho, numa lógica igualmente consistente (KUYPER apud SOUZA, 2006).

Em outras palavras, o cristão, como qualquer pessoa ou outro grupo cultural, tem pleno direito e obrigação moral de defender sua visão de mundo, sua perspectiva cultural e existencial sobre a vida. O cristão não está em condição desfavorável ante outras manifestações culturais, teóricas ou ideológicas, de se posicionar e apresentar publicamente sua cosmovisão. Sendo assim, para avançar na indispensável compreensão de uma cosmovisão cristã seria importante uma definição geral e depois explicá-la, o que será feito ao longo deste artigo.

Em termos gerais, uma *cosmovisão cristã* poderia ser definida nos seguintes termos: *O modo como cristãos imaginam e compreendem a realidade*. Ela é formada por valores, crenças, narrativas e pensamentos que o cristão ou a comunidade cristã desenvolve, acumula, transmite e articula a partir de sua relação com o universo em toda sua complexidade e diversidade de aspectos (biológico, físico, social, político, cultural e espiritual), bem como diante dos fenômenos e experiências presentes no mundo criado de Deus.

Nancy Pearcey (2005), apesar de certa tendência intelectualista, destaca que uma *cosmovisão cristã* seria a forma cristã de pensar a realidade. De acordo com a autora, o cristianismo diz a verdade sobre toda realidade, ele possui uma perspectiva para que

qualquer assunto seja interpretado a partir de sua cosmovisão (p. 34–35). Entretanto, esta inteligência cristã, particularmente a cristã reformada, encontra como fonte de sabedoria os princípios teológicos que são derivados da Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus. Herman Dooyeweerd, importante filósofo reformacional holandês, resume de forma brilhante esta dependência do cristão da palavra de Deus como fonte primaz de sua cosmovisão:

Nesse sentido central e radical, a palavra de Deus, penetrando na raiz de nosso ser, tem de se tornar o motivo-poder central do todo da vida cristã na ordem temporal com sua rica diversidade de aspectos, tarefas e esferas ocupacionais. Como tal, o tema central da criação, da queda no pecado e da redenção deveria também ser o ponto de partida central e o motivo-poder de nosso pensamento teológico e filosófico (DOOYEWEERD, 2010, p. 257).

O que Dooyeweerd observa é que a Bíblia, sob iluminação do Espírito Santo, é o lugar onde o cristão encontra uma história que fornece sentido radical para sua vida. Por encontrar na grande história bíblica o ponto de partida e de chegada (o propósito, o tólos) de sua existência, nela também, o cristão encontrará a fonte de sabedoria para lidar com desafios ordinários como a ocupação profissional, a vida social, a atividade cultural e educacional¹⁰. O drama canônico fornece um cenário onde a experiência humana do cristão é interpretada na medida em que “provê uma história ampla por meio da qual ‘lemos’ nossas vidas” (VANHOOZER, 2016, p. 95). Mas que narrativa seria esta?

A narrativa bíblica, como um todo, conta uma história que resumidamente se estruturaria da seguinte forma: *Deus criou o universo, o ser humano caiu de sua condição original e Deus tem um plano de resgate e glorificação da humanidade em Cristo*. Diz-se então que a cosmovisão cristã é profundamente influenciada por três atos ou três crenças fundamentais derivadas da narrativa bíblica: *criação, queda e redenção*, cada uma delas apresentadas a seguir.

4.1. Primeira Crença Fundamental: criação

O livro de Gênesis nos conta a respeito de como Deus criou o universo por meio de sua Palavra¹¹. O apóstolo João usa o termo grego *logos*, que deu origem à palavra “lógica”, e que foi traduzido em seu livro como “Verbo” ou “Palavra”. De fato, Deus

¹⁰ As razões porque cristãos se envolvem com qualquer tipo de atividade intelectual são diferentes de um não-cristão. Sobre a especificidade do que seria uma epistemologia cristã, veja meu livro *A Escola do Messias* (MIGUEL, 2021), onde trato amplamente sobre o tema.

¹¹ “No princípio era o Verbo/Palavra. (...) todas as coisas foram feitas por intermédio dele.” (Jo 1:1, 3).

criou o mundo mediante um princípio de ordem, e por esta causa, existe uma lógica ou razão na constituição do mundo. Para um cristão, o mundo por ter sido criado por Deus, reflete a mente e a criatividade de seu Criador. Por consequência, não existem entidades autônomas, todos os seres e criaturas, orgânicas ou inorgânicas, estão sob permanente manutenção de Deus e de sua Palavra. Para onde quer que o indivíduo se incline para observar o mundo e seus fenômenos, ele se depara com leis e decretos com os quais Deus estruturou o mundo¹². A conclusão cristã é que toda criação (universo) é passível de interpretação racional, porém, não no sentido racionalista, mas que ela deve ser interpretada e compreendida em relação a seu Criador, que é Deus.

Outra noção importante derivada da crença na criação do mundo diz respeito à origem, dignidade e propósito do ser humano. De acordo com a narrativa de Gênesis, o homem foi criado à imagem de Deus¹³. De todas as criaturas esta é a única que possui algum tipo de alusão ou similitude com seu criador. Bavinck insiste no sentido bíblico de que o ser humano não é apenas “portador da imagem” mas também “é imagem de Deus” (BAVINCK, 2012, p. 564). Dentre as implicações antropológicas de tal afirmação, está a noção de que:

Todo o ser humano é imagem e semelhança de Deus, na alma e no corpo, em todas as faculdades, capacidades e dons humanos. Nada na humanidade está excluído da imagem de Deus. Ela se estende até onde vai nossa humanidade e constitui nosso caráter humano. O humano não é o próprio divino, mas é uma impressão finita criada do divino. Tudo o que está em Deus... encontra sua analogia e semelhança reconhecidamente limitadas na humanidade. Entre as criaturas, a natureza humana é a suprema e mais perfeita revelação de Deus... Todo o mundo se eleva, culmina e se completa e alcança sua unidade, seu objetivo e sua coroa na humanidade. (p.571)

Em termos gerais, o que deve ficar claro é que a cosmovisão cristã tem como primeira crença fundamental a ideia de que o mundo foi criado intencional e inteligentemente por Deus. Por causa de seu poder criativo, o mundo é constituído por uma estrutura complexa de leis e fenômenos mantidos pelo poder da Palavra divina¹⁴. Essa crença fundamental sobre a cosmogonia (origem do mundo) afeta a visão que cristãos têm da cosmologia (ordem ou propósito do mundo). A noção de Deus

12 Sobre uma abordagem epistemológica da cosmologia cristã, isto é, sobre como sua visão da realidade influencia sua maneira de conhecer, consulte meu livro *A Escola do Messias* (MIGUEL, 2021, p. 81–93).

13 Gn 1:26

14 “A Palavra de Deus” aqui deve ser entendida no sentido direto. Deus como o agente do discurso e como o emissor de seus decretos divinos, tendo em vista a criação e o ordenamento do mundo (Hb 1:3).

como o *não-causado que causa todas as coisas* se desdobra em uma série de princípios interpretativos que levarão o cristão a uma compreensão específica do ser humano, natureza, cultura, sociedade e ciência. Evidentemente, a consequência pedagógica de tal crença é que ao se estudar os diferentes campos das ciências e suas diferentes disciplinas, um aluno conhecerá as diferentes expressões da sabedoria e da providência divinas presentes na própria estrutura da realidade.

4.2. Segunda Crença Fundamental: queda.

O cristão dá uma explicação para a presença do mal no mundo. A corrupção moral, violência, depravação, abuso e todos os males convencionalmente assumidos como errados ou inconsistentes com a dignidade humana, evidenciam o que cristãos chamam há séculos de “queda” ou “pecado”. Se por um lado, há o permanente testemunho de um Deus amoroso, gracioso e incrivelmente criativo - o que se evidencia por suas obras magníficas - por outro, testemunha-se um comportamento insistentemente perverso nos seres humanos desde a tenra idade. Em contextos educacionais, com frequência, pais e educadores percebem em crianças, ainda bem pequeninas, comportamentos associados à mentira, trapaça, engano, egoísmo e manipulação.

O cristianismo não tenta resignificar tais comportamentos tornando-os culturalmente aceitáveis, ao contrário, os denuncia explicitamente como moralmente errados. Immanuel Kant (1724-1804) admitiu que o ser humano tem uma propensão para o mal. A filósofa judia alemã Hannah Arendt (1906-1975) retomou a tese de Kant para explicar o genocídio nazista a partir do que chamou de *mal radical* (ARENDR; RAPOSO, 2013). Porém, muito antes deles, o grande teólogo cristão Agostinho de Hipona (séc. V d.C.) já denunciava, a partir de sua leitura da Bíblia, que a humanidade foi criada plena de sua dignidade, mas que em algum momento, ela se rebelou contra seu Criador, e desde então, inclina-se irresistivelmente ao mal e assim tem sua vontade cativa pelo pecado¹⁵.

A maldade humana origina-se no que o cristão chama de pecado. O pecado é fundamentalmente a rejeição à toda ordem divina colocada na criação para o bem do ser humano, mas na radicalidade do pecado, encontra-se uma profunda incredulidade e rejeição ao próprio Criador. Desde então, o homem encontra-se alienado de Deus, há um abismo existencial e espiritual entre o ser humano e sua origem. O efeito de tal alienação é uma profunda desumanização, em outras palavras, a distância de Deus faz seres humanos se tornarem menos do que foram destinados para ser. De fato, Deus estabeleceu um desígnio para a humanidade, mas ela escolheu negá-lo. Os efeitos de tal

15 Lutero, influenciado pela teologia agostiniana, enfatiza tal cativo moral em sua obra *Nascido Escravo* (LUTERO, 2018)

desobediência tomou proporções cósmicas, afetando não somente o ser humano, mas toda criação, que apesar de ainda ser mantida por graça de Deus¹⁶, não revela toda sua plenitude por causa de seu estado de “aprisionamento” ou “cativeiro” (Rm 8.28).

Uma das mais evidentes consequências da queda é que o ser humano agora está “curvado sobre si”¹⁷. Isso significa que uma vez que ele teve sua relação com Deus comprometida por causa de sua rebelião, agora, ele procura saciar sua fome por sentido caçando respostas em si mesmo (na razão, na biologia, nos desejos ou no inconsciente) ou em algum bem no universo criado. Eventualmente, insatisfeitos e frustrados com sua busca, muitos apostam na ilusão de conformar a realidade à sua própria imagem. Não raras vezes, o empenho para se alterar a realidade acaba por se desdobrar na tentativa de customização de si mesmo, um tipo de autodeterminação identitária. A emancipação alienante do pecado e a ilusão de autonomia são as forças por trás de muitos projetos culturais, ideológicos e civilizacionais. Ironicamente, a inquietação por sentido, tão familiar aos humanos, tem raízes justamente em um tipo de pulsão religiosa inata, que tende a assumir uma direção apóstata. Nas palavras de Dooyeweerd:

O pecado original não poderia destruir o centro religioso da existência humana e o impulso religioso inato de buscar sua origem absoluta. Ele poderia apenas conduzir esse impulso central para uma direção falsa, apóstata, desviando-o em direção ao mundo temporal. (DOOYEWEERD, 2010, p. 260)

O que o filósofo observa é que uma vez que a relação com Deus foi comprometida, a pessoa humana, agora, ainda movida por algum senso religioso, procurará alguma coisa para *confiar* sua existência. Sua fé (confiança existencial) será depositada inevitavelmente em algum bem temporal, algo criado, ao invés do Criador. A queda não foi capaz de comprometer a pulsão religiosa, mas infelizmente, a desorientou, desviando a devoção humana para alguma criatura ao invés do Criador. Esse movimento divergente que oportuniza a pulsão religiosa é o que a Bíblia chama de *idolatria*.

Claro, a idolatria pode assumir contornos complexos e sutis, por exemplo, seres humanos podem atribuir status de divindade e dar tratamento religioso a teorias científicas (CLOUSER, 2005), ideologias políticas (KOYZIS, 2014) ou qualquer outra coisa que oferte “salvação” (FERRY, 2003) em troca de devoção em algum nível (KELLER, 2010). Foi exatamente isso que o apóstolo Paulo constatou em uma de suas cartas: “*mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar*

¹⁶ Tradicionalmente, protestantes reconhecem que a queda fez com que a criação estivesse sobre algum tipo de cativeiro e aguarda sua redenção (Rm 8.28), entretanto, também reconhece que a mesma criação vem sendo preservada para seu destino por providência e graça.

¹⁷ *Homo incurvatus in se*: Expressão usada por Agostinho e que ficou conhecida por Martinho Lutero.

*do Criador*¹⁸.

Sendo o ser humano criado à imagem de Deus, sua identidade, dignidade e propósito só podem ser plenamente encontradas em Deus. Não há nada no horizonte da criação que possa fornecer um lugar seguro para um pleno florescimento humano. Toda tentativa de explicação metafísica sobre origem e propósito da vida humana cairá inevitavelmente em alguma explicação transcendente. O problema é que qualquer tentativa de sentido existencial fora de Deus resultará inevitavelmente em alguma devoção desumanizadora. Assim sendo, a idolatria e o pecado sempre tornarão o ser humano menor do que ele deveria ser. Em suma, toda idolatria é por natureza reducionista.

4.3. Terceira Crença Fundamental: redenção

Apesar do pecado ter distanciado o ser humano de seu destino, o mesmo Deus, do qual a humanidade se distanciou, providenciou um plano de resgate. O cristão crê firmemente que Jesus Cristo surge na história como um segundo Adão, como um plano de humanidade renovada. Porém, para que o indivíduo humano seja transformado, ele precisará se lançar em confiança (fé) em Jesus, unindo-se espiritual e existencialmente à sua encarnação, missão, ensino, crucificação, morte, ressurreição, ascensão e retorno.

Claro que todo cristão tem clareza dessa linguagem da fé. Ela pode parecer a um não-cristão como sendo sem sentido, fundamentalista, hermética ou excessivamente religiosa. Entretanto, objetivamente, cristãos acreditam firmemente no que a Bíblia comunica a respeito de Jesus e reconhecem que a fé nele é o único meio pelo qual os seres humanos podem desfrutar do plano de resgate que os salva do aprisionamento e alienação de Deus.

Seguindo o mesmo raciocínio, cristãos reconhecem que a partir da fé em Cristo, eles recebem recursos espirituais da parte de Deus para serem reintroduzidos em sua criação, para enfim, viverem do modo que Deus originalmente os vocacionou. Em termos teológicos, a partir da *regeneração*, ou seja, de seu renascimento espiritual – ação divina responsável pelo acesso de qualquer ser humano a Deus por Jesus – o indivíduo redimido tem uma perspectiva completamente nova a respeito do mundo e das pessoas ao seu redor. Pode-se afirmar, finalmente, que este cristão acaba de ser introduzido no “Reino de Deus”¹⁹, o que significa, agora, que ele toma consciência de que a vida só faz sentido pleno nos domínios do governo de Deus. Se como vimos, a queda é consequência de uma rejeição humana deliberada contra Deus, a redenção é a ação

18 Rm 1:25 (ARA).

19 Cl 1:13

deliberada de Deus em aceitar novamente a humanidade.

A linguagem bíblica e escatológica do *Reino de Deus* (LADD, 2008) é de grande importância para uma cosmovisão cristã, pois ela consegue integrar, em Jesus Cristo, os atributos de Deus como Criador e Redentor ao mesmo tempo. No Reino, a redenção (salvação) e criação se harmonizam perfeitamente. Um cristão realmente regenerado preocupa-se imediatamente com sua tarefa no Reino, seu lugar como súdito no mundo de Deus, a saber, sua vocação. Afinal, a obra redentora de Deus em Cristo envolve o acesso do cristão, por antecipação, ao reino escatológico vindouro. A ressurreição de Cristo no meio da história é a evidência de que a era vindoura irrompeu na era presente (WRIGHT, 2009, p. 200). Por consequência, agora o cristão reconhece o potencial transformador da mensagem que anuncia, ele tem plena consciência de que sua missão envolve o embelezamento, enriquecimento, a redenção e o resgate da dignidade humana e de toda criação em toda sua complexidade. Claro, tal tarefa é em última instância obra de Deus, mas aprouve a Deus chamar cristãos para serem cooperadores e embaixadores de seu Reino.

Por fim, a noção de redenção cristã implica não apenas no resgate da pessoa humana do pecado, reconciliando-a com Deus, mas também, em um processo de contínua aprendizagem e transformação sob o senhorio de Cristo, em que sua vida se conforma aos decretos de Deus.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como abordado até aqui, a cosmovisão cristã caracteriza-se por uma concepção especial de mundo, pois não acredita que a vida seja resultado de um acidente cósmico ou bioquímico, ao contrário, reconhece que há uma intenção inteligente em sua origem e funcionamento. Ela reconhece também que tal inteligência se expressa claramente nos fenômenos ditos naturais. Um estudo, ainda que superficial, do comportamento de um inseto, dos ciclos meteorológicos, do movimento das estrelas ou da fotossíntese, por exemplo, dão amplo testemunho da inteligibilidade do mundo e aludem à crença cristã de que Deus criou todas as coisas sabiamente. Ainda, para um cristão, Deus não apenas é a causa do mundo, mas também seu regente e sustentador. Ele permanece agindo e administrando graciosamente seu mundo, continuamente. A ordem e a aparente aleatoriedade do cosmos estão de modo perfeito e permanente sob seu governo.

Deus criou e estabeleceu o ser humano como mordomo e corregente de seu mundo. Mas, o gênero humano se rebelou, optando pelo caminho da independência de Deus. Atitude que desencadeou um processo de desestruturação do mundo²⁰ e da

20 Rm 8:19-22

própria dignidade humana, enquanto criatura feita à imagem de Deus. As consequências da rejeição da humanidade a Deus podem ser percebidas pela injustiça social, violência, descaso com o meio ambiente e corrupção moral. O pecado, em um certo sentido, colocou a humanidade em uma espécie de exílio existencial, mas em Cristo, o Segundo Adão²¹, uma nova criação é inaugurada.

Agora, como filho de Deus, o cristão é vocacionado para manifestar a glória de Deus em ações antecipatórias do Reino. Toda vez que um cristão atua em nome de Cristo no mundo, ele sinaliza o Reino²² que foi conquistado pela obra redentora de Jesus na cruz e na ressurreição, mas que se concretizará definitivamente em seu retorno. Aproveite a Deus compartilhar com seus filhos sua própria missão de resgatar do exílio a humanidade e a criação. Apesar dos efeitos cósmicos negativos da queda, cristãos ainda olham para o mundo como criação de Deus, entretanto em vias de restauração e resgate de seu cativeiro por meio da obra redentora de Cristo. Essa é a esperança (WRIGHT, 2009), uma certeza graciosa que move o cristão em missão pelo mundo baseado no triunfo de Cristo sobre a morte por meio de sua ressurreição. Se a morte foi revogada por Cristo, a criação e os que estão unidos a Cristo estão destinados a uma criação renovada e indestrutível.

Por fim, não há uma pedagogia cultural e religiosamente neutra. Uma vez que o ser humano é inevitavelmente um ser de sentido, e também, se orienta por alguma visão de boa vida, segurança e felicidade, logo, sempre haverá uma pedagogia para o tipo de ser humano que se quer formar. A pedagogia cristã assume de maneira explícita seus pressupostos, sua concepção de ser humano, de realidade, sociedade, cultura e ciência. Tudo isso, a partir da afirmação de sua cosmovisão, que por sua vez, possui raízes em sua teologia. Uma filosofia da educação cristã deve ser derivada de seus pilares teológicos. Ela será responsável em disciplinar visões de currículo, interações com as diferentes matérias, prioridades e objetivos educacionais, a relação professor-aluno, estratégias e métodos de ensino.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H.; RAPOSO, R. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BAVINCK, H. **Dogmática Reformada: Deus e a Criação**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. v. 2

CLOUSER, R. **The Myth of Religious Neutrality: an essay on the role of religious belief in**

21 I Co 15:45; Rm 5:14

22 II Co 5:20

theories. 2. ed. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2005.

DOOYEWEERD, H. **No Crepúsculo do Pensamento: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico**. São Paulo: Hagnos, 2010.

DULCI, P. **Inteligência pra quê? Como usar seu cérebro para a glória de Deus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2019.

DURKHEIM, É. **Educação e Sociologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

FERRY, L. **A Brief History of Thought: a philosophical guide to living**. New York: Harper Perennial, 2003.

GOHEEN, M. W.; BARTHOLOMEW, C. G. **Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KELLER, T. **Deuses Falsos: eles prometeram sexo, poder e dinheiro, mas é disso que você precisa?** São Paulo: Vida Nova, 2010.

KOYZIS, D. **Visões & Ilusões Políticas: uma análise & crítica cristã das ideologias contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KUIPER, R. **Capital Moral: o poder de conexão da sociedade**. Brasília: Monergismo, 2019.

LADD, G. E. **O evangelho do reino: estudos bíblicos sobre o reino de Deus**. São Paulo, Brazil: Shedd Publicações, 2008.

LUTERO, M. **Nascido Escravo**. São José dos Campos: Fiel, 2018.

MIGUEL, I. **A escola do Messias: fundamentos bíblico-canônicos da vida intelectual cristã**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

PEARCEY, N. **Total Truth: liberating Christianity from its cultural captivity**. Wheaton: Crossway Books, 2005.

SMITH, J. K. A. **Você é Aquilo que Ama: o poder espiritual do hábito**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

SMITH, J. K. A. **Desejando o Reino: culto, cosmovisão e formação cultural**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

SMITH, J. K. A. **Imaginando o Reino: a dinâmica do culto**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

SOUZA, R. A. C. **Cosmovisão: evolução do conceito e aplicação cristã**. Em: LEITE, C. A. C.;

CARVALHO, G. V.; CUNHA, M. J. S. (Eds.). **Transformação: espiritualidade, razão e ordem social**. Viçosa: Ultimato, 2006. p. 39–55.

TAYLOR, C. **Modern social imaginaries**. Durham: Duke University Press, 2004.

VANHOOZER, K. **O Drama da Doutrina: uma abordagem canônico-linguística da teologia cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

WATERINK, J. **Basic Concepts in Christian pedagogy**. Ontário: Paideia Press, 1980.

WRIGHT, N. T. **Surpreendido pela Esperança**. Viçosa: Ultimato, 2009.